

adorava, que êle, horas antes de sua morte, ao sair para o trabalho, chamou-a até a porta da rua, tomou-lhe a mão, colocou-a sobre o seu coração, dizendo: "Vê, minha irmã, como este coração está para rebentar". Realmente sentiu a sua irmã sob a sua mão pulsações tão intensas, como se qualquer cousa estranhamente forte martelasse dentro do peito do inditoso poeta Pouco depois estava morto. Era sensitivo e apaixonado. Amou loucamente a jovem, que também o amava, mas que, cedendo á imposição da família, casou-se com o pretendente prático, endinheirado e nada intelectual. Tal como uma banal história de amor de todos os tempos, três dias após o casamento de sua amada, morria o poeta. Conta um dos seus biógrafos que LÍVIO, na véspera de sua morte, bebera exageradamente conhaque e outras bebidas alcoólicas. Sua família jamais confirmou essa história. Apenas irmãos foram unanimes em afirmar que LÍVIO, dêsde que se desiludira de desposar a moça, que amava tão apaixonadamente, viveu atormentado e tristonho, tendo seus males de fígado (era um hepático) e coração se agravado até sua morte".

E assim terminou o poeta os seus atribulados dias, caíndo repentinamente morto sobre a sua banca de trabalho, a 29 de Setembro de 1895. LÍVIO, escreve Leonardo Mota, "viveu um pouco mais do que Castro Alves, Junqueira Freire e Rocha Lima, mas não passou dos 25 anos".

Foi o amor o constante desassossêgo da sua glória de poeta e de seu martirio de amoroso infortunado. Amado, sentiu dessa afeição somente os acúleos da desesperança e da desilusão. Amando, consumiu o coração na exaltação de tanto querer e na angústia de tanto esperar ...

GASTÃO JUSTA

RAIMUNDO ANTONIO DA ROCHA LIMA

Ontem foi o 31º aniversário do falecimento dêsse moço de espantoso talento, que se supunha destinado a ser um dos vultos mais eminentes das nossas letras. Tinha 23 anos apenas quando faleceu, na serra de Maranguape, para onde fôra transportado, moribundo de um beribéri que, de parceira com uma febre de mau caráter, dizimou por milheiros os moradores desta cidade e a população do interior, que aqui se aglomerou, pedindo pão ao governo.

Muito antes de contar os vinte anos, por um desenvolvimento precoce das suas faculdades intellectivas, já era um espírito formado para so-

brevejar a seus coevos no convívio das letras, e escrevia admiravelmente para deixar trabalhos, que são verdadeiros *bijoux* de literatura, que enriquecem as estantes do Ceará.

Sacramento Blake faz a resenha dêles no seu "Dicionário Bibliográfico".

Não passavam ainda de brilhantes ensaios de uma capacidade de exceção que desabrochava, prometendo ser uma glória nacional, quando chegasse o periodo da madureza.

Rocha Lima era uma natureza debilissima, um caniço. Tartamudo, exprimia-se a muito esforço, aliás, com grande facúndia, em borbotões de idéias, servidas por prodigiosa memória.

Quanto lia lhe ficava, por mais sutil que fôsse, e tudo que êle externava, saía limado por uma crítica de filósofo e literato provector.

Deve ter apressado a sua morte a exuberância de seu estro, que se adiantava em desequilíbrio com as demais atividades, fenômeno que se tem repetido para tantos meninos célebres.

No seu estudo de humanidades no Liceu, desde os 11 anos, ocupava o primeiro lugar, sendo uma figura para reparos, pela insuficiência de seu físico.

A grande calamidade de 1877-79 o envolveu entre os primeiros, produzindo grande lástima a sua perda, porém nenhuma surpresa, visto a força dessa avalanche da morte, que se calcula ter tirado na sua corrente mais de 80.000 indivíduos, só nesta capital.

Falando dêle, Blake cometeu um erro que é proposital de certos cronistas do Ceará, quando fazem a enumeração dos nossos jornais e jornalistas, com ânimo prevenido para cortar no crédito de adversários e servir á vaidade de amigos nulísimos.

Disse que Rocha Lima fôra, com João Lopes, o redator de "Fraternidade", jornal que, sob os auspícios da Loja maçônica *Fraternidade Cearense*, combateu o clericalismo em 1873.

Rocha Lima, apenas, colaborou, João Lopes dedilhou assuntos so-menos.

O fundador, diretor e redator principal e assíduo dessa publicação, foi, do começo ao fim, o orador dessa casa maçônica — João Brígido; editor literário, o finado João Camara, de grata memória; colaboradores de primeira classe, os moços bachareis em direito Tomás Pompeu e Xilderico Faria, dignos de Rocha Lima; algum tempo, o finado Dr. Basson e; na matéria não hostil de disciplinas, o senador Pompeu.

Os estilos ainda hoje denunciam as penas e a coleção dessa folha, que veio á luz em 4 de Novembro daquele ano, dá testemunho o mais infalível.

Na parte relativa aos dogmas do cristianismo, escreveram os demais, principalmente João Brígido. Fôram dêste dois artigos que o bispo, Frei

Vidal, verteu para oferecer ao Papa, querendo convencê-lo de que o caráter do movimento religioso do Brasil não era, em verdade, simplesmente clerical, como indicava o governo, porém essencialmente anti-dogmático.

Rocha Lima, nascido em 1855, faleceu no dia 28 de julho de 1878.

Na sua ascendência, encontra-se seu avô, advogado Miguel Antônio da Rocha Lima, da família Moreira-Silveira (Preá), homem de poucos estudos, mas de admirável senso íntimo, que fez na Independência e movimentos consecutivos, papel o mais conspícuo, revelando grandes dotes de espírito e caráter de tẽmpera melhor. Exerceu o cargo de ouvidor pela lei (interino) e governou o Ceará em 1831 como vice-presidente.

Seu pai, do mesmo nome, foi empregado público de segunda categoria, homem hábil, que não desmerecia a mulher que tomou, muito inteligente, vivaz e solícita pela educação dêsse único filho que tivera.

Essa ilustre matrona de sangue pernambucano, parte da família Bezerra, que emigrara para o Ceará antes de 1800.

Todos pertencem hoje ao domínio da boa memória.

29-7-1900.

JOÃO BRIGIDO

DOMINGOS OLÍMPIO

Domingos Olímpio teve a morte súbita e épica das grandes árvores, que o raio fulminou em plena pompa e em plena glória. — quando estão dando a sua melhor sombra e os seus melhores frutos.

Aquele belo espírito estava na sazão fecunda que produz as mais ricas e as mais fortes criações. A sua atividade era agora fenomenal. Dirigia os "ANAIS", escrevia a *Crônica Política* dessa revista, revia um romance — O *Almirante*, publicava outro: O *Uirapuru*, preparava a *História da Missão de Washington*, — e advogava: ainda na véspera da morte, alcançara uma vitória no Supremo Tribunal. Mas todo êsse trabalho formidável ainda não satisfazia a sua atividade mental; Domingos Olímpio era dos que, como diz o povo, descansava carregando pedra: os seus momentos de repouso e de recreio, nos poucos minutos que podia dedicar ao convívio dos amigos, era ainda período de produção intelectual: a sua conversação era um maravilhoso tecido de imaginação, de análise, de crítica, um fogo de vistas, do qual rebentavam anedotas e invensões que eram verdadeiras criações literárias.

O alegre, o expansivo, o bom, o anado *Pojucan* possuía como ninguem,